

**UNIJUÍ – UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL**

DHE – DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES E EDUCAÇÃO

CURSO DE PSICOLOGIA

A INFÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

JOSIANE ANDRESSA MACHADO DOS SANTOS

Ijuí – RS

2013

JOSIANE ANDRESSA MACHADO DOS SANTOS

A INFÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ) como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel de Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Msc. Ana Maria de Souza Dias

Ijuí – RS

2013

**UNIJUÍ – UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL**

DHE – DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES E EDUCAÇÃO

CURSO DE PSICOLOGIA

A INFÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

Elaborado por

JOSIANE ANDRESSA MACHADO DOS SANTOS

Como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Psicologia

Comissão Examinadora

Prof^a. Msc. Ana Maria de Souza Dias

Prof^a. Msc. Elisiane Felzke Schonardie

Ijuí, janeiro de 2013

AGRADECIMENTOS

Dedico esta produção a todos que acreditaram e apostaram neste sonho que tornar-se realidade.

Aos meus pais Josmeri e Auri, por terem me proporcionado a oportunidade de estudar, pelo amor e dedicação para a realização deste sonho. A Vocês minha eterna gratidão!

Aos meus irmãos Cristiano e Roberta pela força e por terem me ajudado sempre que precisei.

Ao Ygor, por tornar nossas vidas mais alegres...

Ao meu namorado Cleber pelo amor, companheirismo, dedicação, compreensão. Obrigado por fazer parte da minha vida!

A minha orientadora professora Ana Maria de Souza Dias, pelas palavras de incentivo, pelos ensinamentos que transmitiste, e por auxiliar na concretização desta pesquisa.

A minha amiga Tati pelo ombro amigo, por estar sempre solidária quando precisei. Obrigada pela sua amizade!

Aos meus colegas, pelo companheirismo, pelas trocas, pelos momentos juntos.

A todos aqueles que de uma maneira ou de outra, torceram, transmitiram palavras de carinho e incentivo, muito obrigado!

“Quem acredita sempre alcança” (Renato Russo)

Dedico esta produção aos meus pais por me proporcionar a oportunidade de estudar...

Aos meus irmãos pelo carinho...

E ao meu namorado pelo amor e compreensão...

Vocês que sempre apostaram e acreditaram no meu sonho, muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho traz uma discussão sobre questões que norteiam a infância na atualidade. Primeiramente parte-se do levantamento de apontamentos conceituais, oriundos da Psicanálise, a respeito da temática da Infância, na busca pela compreensão da constituição psíquica, também analisando a diferenciação entre infância e infantil, conceitos articulados aos movimentos do âmbito social. Outro tema abordado, relacionado à análise das manifestações infantis, é apresentado através da atividade do brincar. Primeiro, enquanto constituinte do sujeito, portanto essencial na vida da criança e segundo, através da análise de como o brincar se apresenta nos dias de hoje.

Palavras Chave: infância, constituição psíquica, brincar, contemporaneidade, consumismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 A INFÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE.....	9
2 O BRINCAR NA CONTEMPORANEIDADE	22
2.1 O BRINCAR COMO CONSTITUINTE DO SUJEITO	22
2.2 E HOJE AS CRIANÇAS BRINCAM?.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por tema: “A Infância na Contemporaneidade”, aborda a temática da constituição da infância nos dias de hoje. Busca apontar os principais pontos da constituição psíquica e a relação da criança com o brincar e os brinquedos.

No primeiro capítulo, o trabalho desdobra questões referentes à constituição psíquica da criança e ao papel das funções parentais. Ao trabalhar os principais pontos para que a criança se constitua enquanto sujeito, busca a relação com o social, com o discurso capitalista e com o consumo excessivo nos dias de hoje na vida das crianças.

O segundo capítulo é dividido em duas partes, a primeira aborda o papel do brincar na constituição psíquica, discutindo o quanto ele é importante nos primeiros anos de vida para o desenvolvimento da criança, auxiliando na elaboração dos acontecimentos em sua vida. A segunda parte discute o brincar nos dias de hoje, como as crianças estão brincando, se estão brincando, e como brincam. Ainda analisa as novas formas da infância e do brincar, ou seja, como se constituem atualmente e as conseqüências destas transformações na subjetividade da criança.

Este tema é relevante na medida em que na clínica psicanalítica surgem questões referentes à constituição psíquica da criança, a partir dos efeitos do discurso do social, quando aparecem pequenos pacientes que falam de seus sofrimentos, medos e angústias. Mas no momento em que o brincar deveria aparecer como ferramenta fundamental para a elaboração subjetiva, elas travam, não conseguindo simplesmente brincar.

Este trabalho procura questionar a respeito dos valores que hoje são transmitidos às crianças, e como está se configurando as relações parentais a partir do consumismo, do individualismo, valores estes que a cultura capitalista marca na vida moderna. É necessário estar atento aos movimentos sociais, pois produzem marcas na subjetividade.

O trabalho desenvolvido é uma pesquisa bibliográfica a partir da teoria psicanalítica, em obras de autores de referência como Freud e Lacan, e ainda autores contemporâneos como Elsa Coriat, Alfredo Jerusalinsky, Ana Marta Meira, entre outros. Utiliza-se também como material de estudo, o documentário “Criança a alma do negócio”, entre outros trabalhos e artigos acadêmicos.

1 A INFÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

A modernidade causou várias mudanças na vida das pessoas, tanto econômicas, sociais e psíquicas. Estamos em um tempo em que é fácil adquirir quaisquer produtos desejados, sendo necessários ou não para a sobrevivência da sociedade.

Os avanços tecnológicos nos permitiram muitos benefícios sem precisar sair de casa, basta ter um computador ou um telefone com acesso a internet, que podemos comprar o que se precisa e deseja. Por exemplo, podemos comprar um medicamento pelo telefone e recebermos em casa, ou então comprar produtos de todos os tipos pelo acesso a internet. Mas, além destas regalias a modernidade ocasionou mudanças no comportamento da sociedade, interferindo nas relações sociais.

Em outros tempos, as famílias se preocupavam em garantir sua sobrevivência, se plantava para poder se alimentar, não se pensava em adquirir bens, ou “luxos, apenas preocupava-se com a subsistência. Todos os membros da família tinham uma tarefa, assim, tudo o que fosse adquirido era dividido igualmente entre todos. Hoje a organização das famílias é totalmente diferente, a individualidade é característica da modernidade e da cultura capitalista. Trabalha-se fora, com uma jornada de trabalho extensa para se acumular capital financeiro, e adquirir bens de consumo para assim poder se diferenciar do grupo ao qual faz parte, adquirindo “status”, ou seja, para ser visto e admirado.

Estamos vivendo em um tempo em que o consumo desenfreado de produtos impostos pela mídia vem como algo que desejamos para a incessante busca pela completude, daí a ilusão de que determinados objetos trariam a felicidade. Somos atravessados pelo capitalismo, assim para “ser” precisa-se “ter”. O individualismo é marca principal da contemporaneidade, do mesmo modo que a visibilidade dos sujeitos é através dos objetos de consumo adquiridos.

Para Meira (2004, p.10) “Os efeitos destas transformações sobre a subjetividade são relevantes na medida em que as formações do inconsciente que se desenham via linguagem são marcadas também pelos contornos do social.” Assim, a criança por estar em plena estruturação psíquica, é atravessada pelo discurso da cultura capitalista, produzindo assim, uma nova infância na contemporaneidade.

Sabemos que a infância hoje é resultado de uma construção social, construída através da cultura, dos movimentos que a sociedade produz, sendo que a humanidade continua em movimento na busca de seu desejo e de sua história. A infância surge com o intuito de proteger as crianças, marcados por uma série de antecipações da vida adulta, e precisam ser amparadas pelos adultos para desenvolverem-se. Sendo então, um momento inicial do desenvolvimento humano, momento cronológico dos primeiros anos de vida que antecede a puberdade, caracterizada por diversas características específicas.

Ao nascer, a criança se encontra em um estado de infans¹, é a cria humana que não se posiciona como sujeito de fala, indefeso, incapaz de se desenvolver sozinho. Através do desejo dos pais, do acolhimento, do amor materno e dos significantes² familiares, este ser indefeso apropria-se pela fala, para assim constituir-se psiquicamente. Estes que cumprem as funções parentais antecipam este infans para a posição de sujeito desejante, inserindo a criança na cultura familiar.

Na visão de Volnovich (1991, p. 24) “a criança lacaniana é essencialmente uma criança inserida na estrutura, efeito da família, “desejo do Outro”. Sendo que Lacan propõe em seus estudos que “o desejo inconsciente é o desejo do Outro”, não existindo nenhuma possibilidade de poder ser gerado a partir de si mesmo. Sendo que o sujeito é efeito do desejo do Outro³, considerado a partir da conotação histórica e social, sendo o inconsciente uma experiência transindividual, social.

Então, as crianças são atravessadas pela cultura consumista através da família, em função da sua fragilidade psíquica, por estarem em pleno desenvolvimento psíquico e social, tornando-as o principal alvo, reproduzindo o sintoma do consumismo pelas crianças.

A constituição psíquica é marcada através do discurso social, representado através das figuras parentais. É pela via da linguagem que o infans passará desta condição para a de sujeito de desejo, através da antecipação no discurso parental. Para Freire (2010, p. 250) “aponta o Outro, ‘terreno’ de linguagem, como referência a partir da qual torna-se possível o filhote do homem constituir-se psiquicamente e

¹Termo que corresponde à criança no período anterior ao da aquisição da língua materna.

²Elemento do discurso, referível tanto ao nível consciente como inconsciente, que representa e determina o sujeito.

³Lugar onde a Psicanálise situa, além do parceiro imaginário, aquilo que, anterior e exterior ao sujeito, não obstante o determina.

transitar pelas aquisições inerentes ao desenvolvimento”. A constituição psíquica da criança depende da função materna, enquanto formadora especular do eu⁴, e da função paterna, enquanto representante da lei, tem por função a castração⁵. Então a criança se apropria dos significantes através do discurso dos pais, organizando sua vida.

Ramalho (1989, p.67) aponta que “A Função Materna, como o próprio nome diz, trata-se de uma *função*, que não necessariamente é exercida pela mãe real. Trata-se de “marcar para a vida” este pequenino corpo que é gerado para vir a constituir num sujeito.” Assim, a mãe ou quem exerce esta função, primeiramente cuidará das necessidades biológicas e fisiológicas do bebê. Mas para além dos cuidados com a alimentação e higienização, a mãe irá inscrever no corpo do infans marcas mnêmicas, significando todas as necessidades permitindo assim que este pequeno ser constitua-se como sujeito.

Dias e Freire destacam que (2010, p.231):

O bebê, então, mesmo antes de nascer, está situado numa rede de discursos, a qual perpassa gerações e apanha tudo o que circula na família quanto as suas verdades, aos seus preconceitos, hábitos, idéias e ideais... É a mãe, ou quem cumpre com a função materna que sustenta ao infans uma imagem que lhe serve como referência para constituir-se subjetivamente e, conseqüentemente, produzir sua apreensão corporal. O olhar do Outro (olhar que a mãe sustenta no transcurso dos investimentos libidinais) opera como um espelho – em sua desideração reflexa – com o qual a criança vivencia sua identificação especular.

Portanto, a criança ao nascer é tomada pelo discurso do Outro primordial, suas necessidades são recebidas pela mãe via demanda⁶, por exemplo, transformando o choro em chamado, o cocô como presente. Essa demanda se instaura através do Outro sendo nunca satisfeita totalmente. A respeito da insatisfação e instauração da falta corrobora-se com Levin (2001, p.40) que:

Só há relação da criança com seu corpo pelo desejo materno. Por isso, a criança pode estar alimentada mas ao mesmo tempo insatisfeita. A insatisfação demonstrará a demanda de amor materno que, de fato, para

⁴Segundo S. Freud, sede da consciência e também lugar das manifestações inconscientes; instância do registro imaginário, portanto, das identificações e do narcisismo.

⁵Para S. Freud, conjunto de conseqüências subjetivas inconscientes, determinadas pela ameaça de castração, no homem a perda do pênis e na mulher a ausência.

⁶Forma de expressão de um desejo, quando se quer obter algo de alguém, desejo se distingue de necessidade.

realizar-se, implica a instância paterna como representante da falta (desejo) na mãe. Não há função materna sem esta função paterna.

A respeito da função que o Outro exerce na construção corporal da criança e a instalação da falta, Jerusalinsky (2002, p. 26) aponta que:

O Outro não é um estímulo nem um estimulante, mas a instância que, desde seu olhar, organiza na criança a sua auto imagem corporal e, desde seu discurso, recorta no olho, na boca, em cada 'buraco' da criança, a sombra de um objeto inexistente que, por isso será incessantemente buscado.

Esse Outro apresenta o corpo à criança. Marcando nesse corpo bordas, buracos, significando-o, transformando este pedaço de carne em um corpo erógeno e simbólico. Instaurando a falta através da queda do objeto a⁷. Segundo Jerusalinsky (1999, p.270):

O Outro primordial, a mãe, faz, nesse sentido, um verdadeiro esforço: toma o peito como dom, cocô como presente, a voz como chamado, o olhar como interpelação. Costura e recobre o que incessantemente aparece como abertura: a insuficiência (normal) de sua criança, a queda incessante dos buracos que no corpo se oferecem e a chamam para serem preenchidos. Esses buracos, lugares de entrada e saída, portam as marcas simbólicas que a mãe inscreve neles, desenhando, assim, a borda do objeto que essencialmente permanecera vazio (ao menos que a psicose o preencha), precisamente oferecendo seu lugar à interminável busca que nele se inaugura.

Ao explicar a constituição psíquica Lacan (1953) aponta a fundação do eu pela imagem especular, a partir do que ele denominou estádio do espelho. A fase do espelho proporciona a experiência de uma identificação essencial a partir da conquista da imagem do corpo. A primeira imagem do sujeito será através do amor materno, é na imagem da mãe que o bebê irá se espelhar. Inicialmente, há uma confusão entre a criança e o outro, assim, o bebê se percebe e se orienta através do outro. Assim, o corpo do bebê se sustentará através do olhar materno.

Segundo Backes (2004, p.29), "*O Estádio do Espelho* representa, de uma forma ampla, aquilo que o sujeito é comumente tomado quando ele se vê, se identifica, se localiza no outro". É a fundação do eu através da imagem especular. Lacan (1953) fala da experiência da criança diante do espelho, que ocorre entre os

⁷Segundo Lacan, objeto causa do desejo, (seio, fezes, voz e olhar).

seis e os dezoito meses, em que a criança ainda que imatura tem uma visão fragmentada do seu corpo e vivencia uma experiência de alienação frente aos significantes maternos permitindo constituir sua imagem corporal. A alteração causada no sujeito quando ele assume sua imagem corporal apenas é possível através do Outro que antecipa e sustenta a imagem que o bebê vê no espelho, e mostrando: “És tu”, assim, ocorre a separação do corpo da mãe com o da criança, esta assume a imagem refletida no espelho como sua, se reconhecendo.

Para, além disso, Lacan (1998, p.100) afirma que “A função do estádio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da *imago*, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade...”.

Backes (2004, p. 32) coloca que:

Toda idéia do estádio do espelho é colocar em relevo uma das funções da imagem que é a de estabelecer a relação do organismo com sua realidade, estabelecer a relação do mundo interno (*Innenwelt*) com o meio circundante (*Umwelt*). Esta é, de alguma forma, a função preenchida pela Mãe primordial:² fazer, para o seu pequeno bebê, a ligação entre ele e o mundo, pois esta relação do homem com seu meio, com a natureza, com a cultura, não é tranqüila, ao contrário, provoca mal-estar.

Podemos pensar o estádio do espelho sendo então a passagem do eu especular para o eu social. O sujeito terá que lidar com a diferença entre o que ele é na realidade e o que ele vê na sua relação com o outro especular. A partir dos primeiros cuidados do outro primordial, a mãe ao tocar o corpo do bebê, constitui este corpo não apenas como corpo, mas como imagem. O outro primordial vai escrever significantes neste corpo.

Vemos até aqui a importância das funções parentais e das articulações necessárias para a constituição psíquica da criança. Outro momento importante na constituição psíquica é a entrada do pai na relação mãe-filho. O pai se insere no meio da relação mãe-filho, desviando o olhar da mãe, seu desejo para outra finalidade, operando aí a castração simbólica. O filho deixa de ser objeto de desejo da mãe, o falo⁸, organizando a instauração da falta psíquica.

⁸Símbolo do sexo masculino; Significante da falta, único objeto que pode satisfazer a mãe e completá-la.

Esta falta fundadora do sujeito requer um ato constituinte para se fazer como falta e não se produz por si mesma, não sendo também um processo natural. A falta que se instaura no sujeito vem a dizer da castração simbólica causada pela entrada do pai na trama entre mãe e filho. É a partir da instauração da falta, que faz com que o sujeito se movimente em busca de seu desejo.

O falo sendo esse objeto imaginário irá exercer um papel essencial na estruturação da dialética edipiana, pois a própria dinâmica fálica causa a operação simbólica inaugural a partir da metáfora do Nome-do-Pai⁹. Dor (1990, p. 76), fala que:

Precisamente, com Lacan, o falo será instituído como significante primordial do desejo na triangulação edipiana. O processo do complexo de Édipo se dará, então, em torno da localização do lugar do falo no desejo da mãe, da criança e do pai, no curso de uma dialética que se desenvolverá sob a forma do “ser” e do “ter”.

É a partir do Édipo que o sujeito irá estruturar e organizar o seu vir-a-ser, sobretudo em torno da diferenciação entre os sexos e de seu posicionamento frente à angústia de castração.

Freud (1925) utilizou o mito grego de Édipo para explicar este momento na vida da criança, que ocorre entre os três e cinco anos de idade. Ela sente um conjunto de desejos amorosos e hostis em relação aos pais. O primeiro objeto de amor, tanto para a menina quanto para o menino, é a mãe, o pai é intermediário à relação mãe-filho, impedindo a relação incestuosa entre ambos, então para a criança, o pai é visto como rival, aparecendo como objeto de ódio.

A novela edipiana irá se desenrolar com a entrada do terceiro, o pai, ou quem exerce esta função. Como dito anteriormente, a criança em um primeiro momento está voltada para o amor da mãe, e por sua vez a mãe só tem olhos para seu filho. O pai entra nesta relação incestuosa, interditando, castrando a mãe e a criança. O olhar da mãe deixa de ser somente da criança, e esta passará a se perguntar onde está o olhar da mãe.

Assim a criança é inicialmente o falo da mãe, quando a mãe passa então a olhar para outras coisas, a criança passa a então se perguntar quem é o falo da mãe

⁹Termo utilizado por Lacan, produto da metáfora paterna. Substituto do desejo da mãe, produzindo a entrada do sujeito na subjetividade.

e a onde ele está. O menino abandona o investimento objetal da mãe, passa então a se identificar com o pai.

O declínio do complexo de Édipo é o momento crucial da simbolização da lei, o pai intervém como aquele que tem o falo, ou seja, o lugar que está o desejo da mãe. Assim, a criança e a mãe estão na dialética do ter, onde elas não têm o falo, mas podem desejá-lo naquele que o detém. Então, a criança se identifica com o pai na procura de ter o falo.

A constituição da metáfora paterna está estruturalmente enlaçada ao momento edipiano, resultando o ápice resolutório deste conflito. A função fálica está articulada com a castração, assim o Édipo está enlaçado à metáfora Nome-do-Pai. Para Lacan o fundamental do Édipo é a função paterna, que é diferente da presença do pai, pois o pai pode fazer sua função sem estar presente de corpo, é o que chamamos de função simbólica. O autor situa o complexo de Édipo ao nível limiar do estágio do espelho, onde se delineia para a criança uma identificação, a partir da relação de alienação específica com a mãe.

A criança associa a entrada do pai a partir da saída da mãe, é aí que o Nome-do-Pai intervém associado à Lei-Simbólica que ele encarna. Dor (1990, p.92) assinala que:

O Nome-do-Pai é uma designação endereçada ao reconhecimento de uma função simbólica, circunscrita no lugar de onde se exerce a lei. Essa designação é que é o produto de uma metáfora. O Nome-do-Pai é o novo significante (S2) que, para a criança, substitui o significante do desejo da mãe (...).

A substituição do significante do desejo da mãe sofre recalque¹⁰ tornando-se inconsciente. O pai substitui a mãe como significante produzindo então a metáfora Nome-do-Pai.

Ao nomear o Pai, a criança continua na realidade a nomear metaforicamente o objeto fundamental de seu desejo, porém agora para ela inconscientemente. Dor (1990, p. 93) nos diz que “o símbolo da linguagem tem, portanto, por vocação exprimir a perenidade do objeto fundamental do desejo numa designação que se efetua com o desconhecimento do sujeito”. E ainda, o jogo intrínseco ao complexo

¹⁰Processo de afastamento das pulsões às quais é rejeitado o acesso ao consciente, tornado inconsciente.

de Édipo, onde a metáfora do Nome-do-Pai vem testemunhar a atualização da castração, intervém sob a única forma acessível, a castração simbólica. Ao final do Édipo, o falo surge como a perda simbólica de um objeto imaginário.

Através do recalque originário¹¹ e da metáfora paterna o desejo vê então, a mediação da linguagem impor-se. É o significante Nome-do-Pai que dá início a alienação do desejo na linguagem. Pela palavra, o desejo não se torna nada mais do que o reflexo de si mesmo. O desejo de ser recalcado a favor do desejo do ter impõe a criança que procure através de seu desejo na substituição do objeto perdido por outros objetos substitutivos. Mas, o desejo não tem outra opção a não ser, se fazer palavra, transformando-se em demanda. Assim, o desejo vai se perdendo cada vez mais na cadeia de significantes do discurso, de objeto em objeto, o desejo remete sempre a uma série indeterminada de substitutos, e ao mesmo tempo, a um conjunto indefinido de significantes que representam esses objetos substitutos, permanecendo assim em designar, à revelia do sujeito, seu desejo original. Mais adiante Dor (1990, p. 94) coloca que:

O desejo permanece, portanto, sempre insatisfeito, pela necessidade em que se encontrou de se fazer linguagem. Ele renasce continuamente, uma vez que está sempre, fundamentalmente, em outro lugar que não no objeto a que ele visa ou no significante suscetível de simbolizar este objeto. Em outras palavras, o desejo vê-se engajado na *via da metonímia*. A metáfora do Nome-do-Pai intima a criança a tomar parte (objeto substitutivo) pelo todo (objeto perdido).

A partir da concepção da falta de nunca conseguir satisfazer totalmente o desejo, pelas trocas de objetos substitutivos do objeto perdido, pode-se pensar a respeito da incessante busca pela procura da satisfação através dos objetos de consumo. Que impostos pela mídia, a partir da idéia do capitalismo e da sociedade consumista da qual fazemos parte, vêm como algo do desejo, que traria a felicidade, então tenta-se preencher este vazio, e, assim a busca pela satisfação nunca termina. Produzindo assim, o sintoma da compulsão por consumir.

Voltando a questão da metáfora paterna, e a sua importância na constituição psíquica da criança, mais adiante Dor (1990, p.94) fala que:

¹¹Primeira fase do recalco, na qual o representante da pulsão, irá fazer que haja uma representação, onde é rejeitado o acesso ao consciente. Ocorre uma fixação, mas o representante continua estabelecido invariavelmente, mesmo assim, a pulsão continua fixada a ele.

A metáfora paterna institui um momento radicalmente estruturante na evolução psíquica da criança. Além de inaugurar seu acesso à dimensão simbólica, afastando a criança de seu assujeitamento imaginário à mãe, ela lhe confere o status de *sujeito desejante*. O benefício desta aquisição só advém, entretanto, às custas de uma nova alienação. Com efeito, tão logo advém como sujeito desejante, o desejo do fala-ser (parlêtre) torna-se a não ser graças a significantes substitutivos, que impõem ao objeto do desejo a qualidade de objeto *metonímico*.

A metáfora do Nome-do-Pai é um momento crucial na estruturação psíquica de amplos efeitos. Suas conseqüências são variadas, ao fracassar instala processos psicóticos, e, ao operar, aliena o desejo do sujeito na dimensão da linguagem, pois organiza uma estrutura de divisão subjetiva, que o separa irreversivelmente de uma parte de si mesmo, fazendo surgir o inconsciente.

Destaca-se até aqui pontos cruciais da estruturação psíquica na criança, mas, a partir de como irá se desenrolar a constituição psíquica acima explicada, é que irá construir a subjetividade do adulto. As formulações freudianas inicialmente trazem que está na infância a base para a interpretação da vida psíquica do adulto. Através da análise de um adulto as descobertas de Freud indicam para a relação do infantil com o inconsciente. A partir da descoberta da sexualidade infantil, os eventos traumáticos causados na infância, apontam para a etiologia da neurose obsessiva. Em “O Homem dos Ratos” Freud (1909, p. 91) comenta:

Observei que, aqui, ele havia atingido uma das principais características do inconsciente, ou seja, a relação deste com o infantil. *O inconsciente, expliquei, era o infantil; era aquela parte do eu que ficara apartada dele na infância, que não participara dos estádios posteriores do seu desenvolvimento e que, em conseqüência, se tornara recalcada. Os derivados desse inconsciente recalcado eram os responsáveis pelos pensamentos involuntários que constituíram sua doença.*

Assim, Freud em seus estudos, procurava encontrar o infantil no sujeito. O sofrimento da vida sexual do homem reenviava à infância em que a sexualidade aparecia inicialmente. No tratamento psicanalítico, referir-se ao infantil do sujeito, aponta para a reinvenção da história do sujeito, fazendo com que se responsabilize por suas escolhas.

Na concepção psicanalítica, o infantil não é aquilo que é relativo ou próprio à infância. O infantil ainda em constituição na criança é o produto conclusivo da infância sobre o qual se edificará a elaboração adolescente, condição para aceder

ao outro sexo. O efeito disso surgirá no adulto sob a forma de neurose infantil, presentificada na transferência analítica.

Como falantes, estamos condenados a só surgir como sujeitos quando alienados de nós mesmos, no discurso do Outro, no inconsciente. O infantil é isso, está sempre prestes a tornar a voltar sob a forma de fantasma da infância-sem-fim, do qual desejamos dar fim, aferindo regularmente nossas crianças. A posição de alienação ao discurso do Outro, contribuinte do desamparo próprio à infância, os torna particularmente aptos a despertarem o infantil que guarda nossa neurose.

Deste modo, o infantil é o trabalho psíquico imprescindível para transpor a posição de objeto de gozo do Outro, procurando a posição de sujeito desejante. O infantil não se restringe nem se dissolve na infância, pressupõe-se que na própria infância reside sua sustentação.

Segundo Stein (2011, p.12): “é nesse duplo movimento, operado pelo Outro, encarnado pelos pais, inscrevendo significantes e marcando o pequeno ser com seu desejo, que a criança lê esse desejo e constrói seu lugar singular, que podemos articular a noção de infantil.” Esse movimento começa desde a gestação, a partir do desejo dos pais, da antecipação, dos significantes que irão marcando através da fala este sujeito em estruturação.

Em função da sua fragilidade psíquica, estando em pleno desenvolvimento psíquico, a criança é inserida neste universo da era do consumo. Os pais oferecem a seus filhos inúmeras opções de brinquedos, jogos, roupas, calçados, enfim o que eles desejarem, com o intuito que nada lhes falte.

A criança é atravessada pelo social em constante movimento, produzindo assim novas infâncias da contemporaneidade. A cultura capitalista é a ordem da vez, marcas como o individualismo, o “ter para o ser”, a busca pela felicidade através de objetos de consumo, estão configurando novas subjetividades. O discurso dos pais é dar o que não se teve, pensando em oferecer para a criança amor, porém, o excesso implica em tamponar a falta, burlar a castração simbólica, deturpando o valor da troca simbólica. Assim, “eu te dou tal brinquedo se você obedecer”, e o brincar e o brinquedo perdem o valor simbólico, passando a ser um simples objeto que será deixado de lado por outro, e logo outro e assim por diante.

É muito mais fácil dar o que se pede para não ouvir o que se tem a dizer, digo isto ao observar inúmeras vezes as trocas que os pais propõem, por exemplo, a questão do aprendizado na escola, “se você passar de ano e não reprovar, te dou

aquele brinquedo que você quer”, ou então “ se você obedecer ganhará o que quiser”. E assim não se escuta e não se vê o porquê da dificuldade escolar ou do mau comportamento. Mascara-se a verdade, a criança não reprova, mas não aprende também, e o estudo e a educação perdem seu valor.

Como já se afirmou anteriormente, a infância na contemporaneidade é permeada pelas transformações sociais que ocorrem na sociedade. Sirlei Koslowski (2009, p. 38), sugere que:

Falar da infância contemporânea é falar de certas transformações ocorridas nos últimos anos em vários setores, que em combinação com o acesso infantil a informação sobre o mundo adulto, tem mudado drasticamente a infância. Fala-se de “infância perdida”, de “crianças que crescem muito rapidamente”, do “isolamento de um lar e de uma comunidade fragmentados”, de “crianças sendo assassinados por seus pais ou por bandidos”, são os temas que dominam as conversas contemporâneas sobre as crianças.

“Crianças, o futuro do nosso país”, este discurso vem sendo utilizado há muito tempo pelos adultos. Vem dizer da promessa de um futuro ilusório que os adultos depositam na infância. Como se as crianças pudessem fazer mais do que os adultos de hoje, especialmente do que eles não conseguiram, ser felizes, bons e produtivos.

Mas que futuro é esse? A infância não está perdendo cada vez mais seu sentido? Hoje as crianças estão parecendo “mini adultos”, e a infância está cada vez mais curta. Através da maneira com que as crianças estão sendo educadas hoje, serão no futuro melhores adultos do que somos hoje? Irão ser mais felizes e bem sucedidos? A infância da contemporaneidade está moldando novas formas de subjetividades, estamos falando da cultura do capitalismo, do individualismo, de um novo status que a infância adquire a partir dos moldes que a sociedade produz. Nessa sociedade não se permite lugar para a falta, para o fracasso, para a perda. Busca-se incessantemente a felicidade, ser melhor, vitorioso...

A infância na contemporaneidade está se moldando a partir destes movimentos da sociedade, e a mídia tem um grande papel, influenciando nas relações sociais e familiares. Novas subjetividades estão sendo moldadas a partir do discurso capitalista, e da influencia da mídia. Koslowski (2009, p. 43) ainda menciona que:

A subjetividade de um indivíduo diz respeito menos à identidade e mais a singularidade, isto é, à possibilidade de viver a existência de forma única, no entrecruzamento de diversos vetores de subjetivação. Subjetividade que não se situa no campo individual, mas no campo de todos os processos de produção social e material, onde o indivíduo apresenta-se como um consumidor de subjetividade. Sendo assim, não só a mídia, mas a tecnologia na sua totalidade se coloca como os verdadeiros vetores de subjetivação.

A mídia tem um papel fundamental na vida da sociedade, influenciando no comportamento das pessoas, sendo os principais alvos as crianças por passarem mais tempo voltadas a televisão, e pela condição psíquica. A proposta do marketing é vender felicidade, status, beleza, a partir dos objetos. Nesse jogo, os pais entram nessa ilusão oferecendo aos filhos o que eles quiserem, pretendendo tamponar, não deixando que nada os falte. A mídia vende ideais, de felicidade, de comportamento, etc... Em seu trabalho Koslowiski (2009, p.44) fala que:

É a mídia, a informação e o consumo invadindo nosso cotidiano. As crianças nascem situadas numa cultura. Cultura da imagem, cultura do consumo, cultura da tecnologia... Sendo assim, a construção da subjetividade das crianças se dá na relação com os estímulos do mundo material que as circundam. Desse modo, desde muito cedo e com muita rapidez assimilam os valores que manipulam os indicadores sociais, quer dizer, não se consome os objetos em si, mas o que eles representam para as pessoas que os possuem.

Ou seja, o consumo vem como algo que tal objeto traria a felicidade, ou que tendo aquele objeto da “moda” você é melhor, e as crianças hoje demonstram isso em seu comportamento, principalmente através do brincar ou de não brincar. É só observar elas na escola, mochilas do desenho animado do momento, calçados, roupas, acessórios, cadernos, etc... Com o intuito de se diferenciar e ao mesmo tempo se igualar ao grupo que faz parte na busca de uma imagem para ser aceito e “bem visto”. Ou seja, a prevalência da idéia do “ter” para o “ser”, somos o que consumimos, o que vestimos, comemos e usamos. Acerca disto, mais adiante a autora (p.81) indica que:

Os padrões de consumo das crianças são fortemente influenciados pelas alterações culturais. Desde muito cedo se aprende que os objetos têm um valor simbólico, que determinam o seu lugar na sociedade. As culturas do consumo dirigidas diariamente às crianças, através das mídias, estimulam a compra e a posse como fonte de status. As crianças, além de serem influenciadas por seus grupos de pares, podem ser, às vezes, elas próprias influenciadoras. Visto que, é comum, adultos serem apresentados a

determinados produtos por intermédios de seus filhos, mesmo quando há interesse direto pelo assunto, por estes permanecerem boa parte de suas vidas em frente a televisão ou outra mídia disponível.

É muito comum vermos nas lojas, as artimanhas que as crianças fazem para conseguirem o que querem, e geralmente os pais atendem aos apelos dos filhos. No documentário “Criança a alma do negócio”, pais falam que seus filhos são quem decidem o que comer, o que vestir, o que comprar. E que os pais muitas vezes não conhecem determinado produto, e são apresentados pelos seus filhos a eles. Muitas vezes não é o desejo pelo produto em si, mas o ato de consumir apenas.

Entendemos que as crianças expressam tudo o que acontece através do brincar e dos brinquedos. O brincar é tal como nos sonhos dos adultos, o é o caminho real para o inconsciente. E a cultura do consumo está hoje expressada visivelmente através do brincar, as crianças se ocupam de brinquedos que a mídia impõe, colocando em jogo estas marcas que o social define.

2 O BRINCAR NA CONTEMPORANEIDADE

2.1 O BRINCAR COMO CONSTITUINTE DO SUJEITO

A importância do brincar na constituição psíquica é considerada desde os primórdios da Psicanálise. O brincar viabilizou a análise de uma criança (Caso Hans, 1909), cuja técnica foi aprimorada por Freud e seus seguidores. Hoje é uma ferramenta indispensável no tratamento clínico com pequenos pacientes. Porém, neste capítulo analisarei as questões referentes à constituição psíquica destes sujeitos a partir da relação do brincar com os brinquedos.

Nas crianças as articulações constituintes configuram-se pela articulação antecipada do discurso dos pais, elas sofrem, entretanto, da fragilidade pela sua condição psíquica à qual estão expostas. Assim, elas não conseguem se expressar pela fala, claro que não entendem o que lhes acontece, tampouco sobre sua vida e o mundo a sua volta. Através do brincar conseguem se expressar, porém, para além disso, o brincar é fundamental na infância para significar e elaborar os acontecimentos, ou seja, é de suma importância na constituição psíquica do sujeito.

Segundo Coriat (1997, p.191), “o brincar é o cenário no qual a criança apropria-se dos significantes que a marcaram”. Como dito no capítulo anterior, os pais marcaram a criança com significantes, delimitando as zonas erógenas no corpo do pequeno infans, recortando os objetos pulsionais, mas estes significantes em um primeiro momento, para a criança estão como marcas soltas, sem ligações umas com as outras, são tatuagens no corpo que ainda não formaram uma ligação entre si.

Para as crianças, a atividade lúdica não é apenas uma simples brincadeira, não sendo nada importante como pensamos nós adultos, o brincar é um persistente trabalho de elaboração por parte das crianças. Este trabalho consiste em outorgar um sentido a esses significantes, que pode ser lido na situação que a criança desenvolve no cenário lúdico que ela mesmo arma. A autora citada anteriormente comenta que:

Nesta operação, o significante, que até então, estava isolado e capturado na mudez da marca, começa a falar: inclui-se na frase que a cena do brincar representa, arma cadeia com outros significantes, restabelece (desta vez, do lado da criança) sua propriedade de rede. Poderíamos dizer que quando os significantes se encadeiam entre si, liberam o sujeito, cercado até então.

O brincar faz com que os significantes armem ligações entre si, dando sentido a estes significantes, produzindo o sujeito, assim passa a existir por direito próprio, e não apenas no discurso dos pais. A autora ainda diz que: “[...] é sempre desde o brincar que se produz uma criança”. A criança transforma o que vivenciou passivamente de uma maneira ativa. A pergunta por que as crianças brincam é simples de responder, elas brincam para conseguir prazer, satisfação e, além disso, para obter um gozo¹². O brinquedo assume o lugar do objeto da pulsão¹³ que se perdeu deixando um vazio.

A criança cria um mundo próprio na sua brincadeira situando as coisas de seu mundo numa nova maneira, proporcionando prazer para ela. Mesmo que diferencie o brincar da realidade, não consegue saber o limite entre um e outro, gosta e precisa apoiar os objetos e situações que imagina em objetos tangíveis e visíveis da realidade, objetos-sustentáculo do significante. Ela necessita de algo concreto que dê suporte ao significante, pois devido a imaturidade limitante do seu pequeno corpo não se sustenta sozinha. Assim, a brincadeira, é um suporte imaginário do objeto a. Kraemer e Betts (1989, p. 91):

E o brincar é um cenário imaginário no qual a dimensão simbólica se faz presente, onde a criança busca reordenar-se frente ao mundo, buscando dominar por meio do jogo (significante a últimas) as suas experiências, reproduzindo ativamente aquilo que viveu passivamente (...)

Este cenário imaginário que a criança cria é uma tentativa de dar conta do Real, que se repete, do significante que falta no Outro. Diante da dupla demanda do Outro, de pedir a ela para fazer algo que ainda não consegue e de fazer algo que ela já tem condições de fazê-lo sozinha, a criança encontra através do brincar uma maneira de exorcizar o que se demanda dela.

Os estudos psicanalíticos proporcionaram uma essencial série de descobertas em relação ao tema desta pesquisa: os jogos considerados universais, o “fort-da”, os jogos chamados de “transicionais”, e ainda os “jogos de borda” ou “o jogo da queda”.

¹²Diferentes relações com a satisfação que um sujeito desejante e falante pode esperar e experimentar, no uso de um objeto desejado. O gozo distingue-se do prazer. O gozo refere-se ao desejo, precisamente ao desejo inconsciente.

¹³Na teoria analítica, energia fundamental do sujeito, força necessária ao seu funcionamento, exercida com maior profundidade.

No Fort-Da, Freud (1920) ao ter a oportunidade fortuita de observar a atividade de um menino de um ano e meio de idade, esta atividade inventada por ele próprio. Pode lançar certa luz sobre a primeira brincadeira de uma criança, descobrindo então, o significado da incompreensível atividade que ele constantemente repetia. O “bom menininho”¹⁴ tinha o hábito de pegar quaisquer objetos que conseguisse agarrar e atirá-los longe, para um canto, fazendo com que desse trabalho procurar e apanhar seus brinquedos de volta. Enquanto procedia assim, emitia um longo e arrastado ‘o-o-o-ó’, acompanhado por expressão de interesse e satisfação, representando a palavra alemã *fort*. Então para Freud aquilo se tratava de um jogo que o menino utilizava seus brinquedos para brincar era somente de “ir embora” com eles.

Assim, o Fort-Da é uma atividade em que uma criança pequena brinca com um carretel, lançando-o e recuperando-o, auxiliando na elaboração da presença-ausência da mãe. A criança pronuncia duas palavras ao brincar este jogo, Fort (fora) e Da (tá-aqui). Através desse jogo fica em evidência a função da repetição de uma ausência na estruturação do sujeito. Freud (1920, p 26), “[...] no início, achava-se numa situação *passiva*, era dominada pela experiência; repetindo-a, porém, por mais desagradável que fosse, como jogo, assumia papel ativo [...]” Então, a criança por meio dessa repetição não se angustia com a ausência da mãe, pelo contrário, exprime o maior prazer não apenas por tornar ativa a separação e não ficar na posição de objeto passivo, porém a ausência exerce uma função estruturante de seu ser.

Os jogos transicionais referem-se à substituição de objeto de desejo. Remetendo ao registro do falo. Onde cada brinquedo deve ser tomado como substituto do objeto que causa o desejo. Ao mesmo tempo em que objeto de gozo, também como significante da falta, referindo-se a ausência, insistindo na presença através da repetição. Por exemplo, o ato de chupar o dedo, ou bico, remete ao seio materno.

Os “jogos de borda”: jogar brinquedos fora do berço, empurrar objetos lentamente até a beira da mesa, até sua precipitação, espiar pelas frestas, remexer nos buracos e em pequenas aberturas, andar pelas beiradas e onde ofereça risco de um tombo, brincadeiras que as crianças adoram, como brincar de cair, saltar de uma

¹⁴Palavras do autor.

altura difícil, pôr a mão onde não se pode, entrar onde não se entra. Enfim, as crianças são especialistas em andar pela borda, em uma busca constante sobre a distância e a aplicabilidade da ruptura que a palavra introduz na motricidade e no olhar. Palavra e olhar, dois campos pulsionais, que se recortam por meio desses brinquedos estruturantes e ao mesmo tempo dão abertura para a possibilidade da estruturação do espaço e as condições da separação. Por fim, estes jogos de borda sempre levam o sujeito a explorar os limites do equilíbrio, as fronteiras do domínio, da curiosidade e do recorde.

Estes jogos possuem a capacidade de promover articulações necessárias pra a constituição do sujeito. Eles não têm intuito de resolver a sintomática da criança, embora às vezes resolvam, estão conduzidos para a constituição do sujeito, o que em nossa práxis está em questão.

Segundo Jerusalinsky (2007, p.159):

É através deles que podemos deixar se dar livremente a função educativa. Precisamente porque ali essa função não pretende ensinar algo em particular, mas permitir o desdobramento das articulações que, a partir do campo do discurso, antecipam para o sujeito sua posição. É nesses brinquedos que a linguagem encontrará o modo de produzir suas marcas. Uma função educativa no sentido mais amplo e mais clássico do termo. Em que nada de escolar nela se registra, nada de um padrão do saber, mas a colocação em ato de uma inscrição.

O brincar exerce uma função educadora, permitindo a criança exercer uma nova posição, de sujeito de fala. Significando as marcas do discurso parental, permitindo a inscrição dos significantes através do ato em sua constituição psíquica.

Sobre a importância do brincar a partir dos estudos psicanalíticos Pinho (2006, p. 191) explica que:

A partir da teoria psicanalítica, fica evidente que a atividade lúdica infantil é um ponto necessário para que a possibilidade infinita do deslizamento, característico do significante, possa ser exercida com toda a sua eficácia. Possibilitar que uma criança tenha acesso ao exercício simbólico lúdico, no qual seu corpo e outros objetos possam ser inseridos num universo de infinitas significações, é um processo necessário, sem o qual a subjetividade ficaria privada de um "motor" fundamental para sua estruturação. O brincar é uma experiência que leva a criança a apropriar-se de sua inscrição no universo simbólico.

Portanto, a atividade lúdica que muitas vezes os adultos não dão importância, na verdade é de vital importância na estruturação psíquica infantil, possibilitando a simbolização por parte da criança dos significantes que as funções parentais a marcaram, apropriando-se da sua inscrição simbólica a partir da colocação em ato desta inscrição.

2.2 E HOJE AS CRIANÇAS BRINCAM?

No documentário “Criança a alma do negócio”, pergunta-se às crianças se elas preferem brincar ou comprar. Todas respondem comprar, e nenhuma brincar. Percebemos que infância se tem hoje, é a de que crianças envolvidas na era do consumo, engolidas pela cultura capitalista, que buscam prazer imediato pela aquisição de determinados objetos impostos pela mídia e não pelo simples prazer de brincar.

Estamos vivendo em um tempo em que tudo está digitalizado e virtual. O discurso é agilidade, velocidade, não há tempo para perder. E assim, as crianças, muito pequenas ainda, usam telefone, computadores, muitas vezes sabem manusear eletrodomésticos melhores que muitos adultos. Estamos na era da informação, e as crianças por sua vez sabem de tudo, opinam a respeito de todos os assuntos com os seus pais, amigos, familiares, e a velha ilusão da inocência da criança parece muitas vezes não existir mais. E estas marcas do social aparecem nas manifestações da criança, no brincar ou então, no não brincar mais.

Coriat (1997, p.192) escreve que “é sempre desde o brincar que se produz uma criança”. Então, minhas questões são as seguintes: afinal nos dias atuais as crianças brincam? De que brincam? Como brincam? Que crianças estão sendo produzidos pelas formas de brincar hoje? E o que isto produz na subjetividade dessas crianças?

Afinal a infância na contemporaneidade é de crianças frente à televisão por horas, no computador, ou jogando jogos eletrônicos. Há pouco tempo atrás, se enxergavam crianças brincando na rua, correndo, andando de bicicleta, jogando futebol, crianças brincando com outras crianças, fantasiando, sentindo prazer, alegria por brincadeiras infantis comuns e simples, como brincar de “casinha”, de boneca e que esta é sua filha, de esconde-esconde, de carrinho, entre muitas outras brincadeiras. Hoje, porém, mediante a modernidade, na busca por estimulação

precoce, por tornar as crianças mais “inteligentes”, não há espaço para estas brincadeiras em suas vidas.

Hoje, ao ir a uma loja comprar algum brinquedo para presentear, o que se vende são brinquedos voltados para a estimulação da criança, seja visual, ou motora, enfim do que desejar se encontra. A tecnologia se estende aos brinquedos, os robôs e jogos eletrônicos são a aposta dos pais que buscam a tal estimulação antecipada. Ao apertar tal tecla acende uma luz, ou anda sozinha, ou então toca alguma música. Estes tipos de brinquedos anulam a criatividade, espontaneidade e invenção por parte da criança. Além disso, os jogos eletrônicos por sua vez têm o caráter de entreter as crianças por um tempo prolongado, elas ficam vidradas jogando jogos que nunca terminam na busca de ganhar, vencer o jogo.

Os meninos têm adoração por jogos de lutas, batalhas sem fim, como os Pokémons, Bem 10, entre outros. Estes jogos eletrônicos exigem agilidade, apertar botões com rapidez, a partir da escolha de um determinado monstro, são levados a batalhas que não terminam, não contendo nenhum enredo ou história. Em relação a estes jogos, no seu trabalho de pesquisa, Meira (2004, p. 19) sugere que:

Na relação da criança com os pais esta automatização se revela via sacra onde a criança se coloca em uma posição de insaciabilidade marcada pela ilusão que a sociedade de consumo produz, de que o acesso ao objeto é a única garantia de felicidade. É nesse campo ilusório que os jogos sem fim, como os Pókemon tem espaço para manter-se por tanto tempo, sem sair de moda. Há sempre uma carta ou um game a mais sendo lançado, apesar dos protestos dos pais.

Nessa ilusão que prende as crianças nesses jogos sem fim, a era do consumo, e as indústrias voltadas para as crianças aproveitam-se disto, são inúmeras as opções de artigos infantis destes desenhos e jogos animados do momento.

A maioria das crianças coleciona inúmeros brinquedos e jogos, deixando-os de lado ao ganhar um novo, e assim por diante. As meninas por sua vez estão cada vez mais vaidosas, e enchem armários de roupas, calçados, acessórios, e ainda fazem coleção de bonecas. Em outro trecho do documentário “Criança a Alma do Negócio”, uma menina mostra os calçados que tem, conta um por um, contendo um número de 33 calçados. Em outro trecho deste documentário, um menino mostra os inúmeros brinquedos que possui, e perguntam a ele qual ele gosta mais, ele mostra

um pequeno monstro, menor que a palma da mão. Com tantas opções, jogos, brinquedos modernos ele prefere o menor, que parece ser insignificante, sem nenhum atrativo aparentemente. Meira (2003, p. 49) fala que:

Esses pequenos monstros são um exemplo da via metonímica que acaba se inscrevendo no brincar contemporâneo, operando uma sucessão de jogos sem fim onde as crianças não param de pensar acerca da história que aí se encena. As metáforas são incipientes e frágeis, como é o discurso social hoje, pleno de fragmentações.

Estes jogos são apenas de lutas, dificilmente irá ter uma história, ou enredo que não seja de lutar monstro com monstro. A questão do jogo é trocar objetos, monstros ou figuras, buscar ter o que o outro tem.

Como já afirmado anteriormente, o discurso social contemporâneo voltado para as crianças está marcado pelo apelo ao consumo e das trocas que os pais fazem para seus filhos obedecerem. “Se fizeres o que peço, ganharás o que desejas”. Através do discurso a lei paterna mostra a fraqueza em que se encontra nos dias de hoje. As crianças são jogadas pelos seus pais a escolher por diversas possibilidades que são confrontadas na vida moderna. Escolhem que brinquedo comprar, o que vestir, comer, aonde desejam ir, enfim tudo na busca das crianças terem autonomia. O jogo dos pokémons tem essa lógica, de trocas, de escolhas, na busca do melhor, de vencer as batalhas, procurando o que o outro tem, esse sintoma da modernidade é expressado pelo brincar das crianças hoje, a do vencer, ganhar, sendo isto o que mais importa. Estes jogos ganham adoração pelas crianças, pois, os adultos não conhecem, fica restrito a elas, na procura do distanciamento do olhar do adulto, sendo então que o brincar se constrói em torno do distanciamento do olhar do adulto.

As brincadeiras das crianças hoje são realizadas sob o olhar dos adultos. As crianças andam de bicicletas, skates, patins dentro de casa mesmo, sem precisar sair pra fora, sem precisar se sujar, pelo contrário os brinquedos impedem que a criança se suje, coloque a “mão na massa” como a própria expressão diz e, além disso, brincam sozinhas sem a companhia de outra criança. O Lego, por exemplo, é um desses brinquedos, que monta e desmonta no que quiser e imaginar, mas já vem com ilustrações do que se pode montar, mais uma vez repito de que esses brinquedos anulam a criatividade da criança.

Através destes brinquedos oferecidos para as crianças, o social imprime sua marca. Desde pequenas, as crianças demonstram que não querem perder, querem sempre serem vencedoras, lutadoras, usando toda a sua energia para superar o outro. As crianças colocam no jogo traços imaginários, sintomas da infância que no brincar aparecem claramente, como por exemplo, ganhar ou perder, ser forte ou fraco, ter sucesso ou fracasso, ter tudo ou não ter nada, ser poderoso ou impotente. Meira (2003, p. 50) nos diz que “sintoma que representando uma substituição metafórica, hoje muitas vezes fracassa, em função da fragilidade simbólica que marca a sociedade contemporânea.” Além disto, os vínculos que constituem o imaginário encontram-se marcados pelo vazio das palavras.

A autora ainda comenta em seu trabalho que na clínica psicanalítica trabalhamos com crianças sobre o “banal”, pois em relação aos sintomas dos filhos, os pais colocam questões marcadas pela indiferença e pelo vazio em que as suas vidas se tornaram. Estes efeitos são causados pelo discurso social do consumo e da busca do sucesso e da felicidade através deste meio, refletido no brincar. Mais adiante a autora traz que:

O brincar hoje é tão fragmentado quanto fugaz. Espelho do social, que faz com que a mais desorganizada criança psicótica sinta-se “em casa” diante do vazio que lhe confere o estatuto do social, ali onde a lei que o perfaz é a do mais forte. Acerca disto, elas sabem como se fazer valer, sem precisar lançar mão de metáforas. Para isso, bastam os processos metonímicos nos quais sua subjetividade se instala. Constatamos que as crianças psicóticas encontram-se em uma posição subjetiva onde a constituição de metáforas não se opera, a não ser via delirante. Por isso não “fazem de conta”, ou seja, não brincam. Não há *Fort / da*, pois não há inscrição da ausência do Outro. A via com que buscam os brinquedos é metonímica. Daí que, hoje, não lhes produz tanta angústia o fato de não acederem às brincadeiras dos colegas ou familiares. Porque estas também encontram-se fragilizadas e sem consistência simbólica. (p.93)

Hoje, o brincar encontra-se sem valor, pois os laços sociais estão atribuídos aos objetos e seus atributos. As crianças não conseguem brincar simplesmente, e isto revela-se na clínica psicanalítica, onde o brincar que sustentaria a elaboração, encontra-se frágil, as crianças conseguem falar de seus sintomas, medos e angustias, mas encontram-se paralisadas nesta situação em que se encontram.

A partir dos ideais parentais nos dias atuais, de que nada falte ao seu filho, de dar tudo o que ele deseja, o sucesso significa ter todos os objetos que se deseja, tamponando a falta, não permitindo sentir frustração. Os jogos operam na mesma

lógica, através da velocidade digital, onde o espaço da ação da criança e o resultado é marcado pela repetição automatizada.

Os jogos eletrônicos são considerados por muitas pessoas e até por especialistas, como fonte de criatividade. A autora citada logo acima, ressalta que: “[...] a criação, própria da fantasia, se produz a partir da experiência da criança, o que a maioria dos jogos subtraem [...]”. Pois muitas crianças encontram dificuldades em movimentar apenas as mãos e o olhar, pois é o campo pulsional mais investido nestes jogos.

Com a invenção dos jogos eletrônicos e sua ascensão social, os livros foram deixados de lado. Muitas histórias infantis foram transformadas em jogos, porém a história original se diferencia nos jogos, tornadas violentas. O prazer de ler um livro, de imaginar cada parte da história foram trocados pelas lutas dos jogos eletrônicos, lembrando que nos jogos não há enredo ou história, tornando-a vazia. Meira (p.24) confirma que: “a ruptura entre a história que o livro aponta e as imagens nos games nos fala desta transformação cultural que se revela na fragilização metafórica e na metonimização que marca o social hoje.”

Pensar hoje a respeito do que sustenta a criança com seu mundo e a sua infância é levar em conta a televisão, os jogos, os robôs, objetos artificiais. Pois, é conferido para a ciência saber absoluto, o que quer dizer encobrir o desejo e o inconsciente pela maquinização. A construção de um saber que ampare o cruzamento pela infância é vivenciada hoje virtualmente pela criança, de forma preponderante.

Meira ainda traz Alice no país das maravilhas, comparando a história com o jogo eletrônico:

O não saber, posição que leva Alice a sonhar, encontra-se encoberto pelo véu das imagens artificiais que hoje povoam a contemporaneidade. Nesta via, convém ressaltar que a constituição do imaginário, instância que remete à consistência do eu, encontra-se em outra dimensão, que não é representada pela profusão de imagens que perfilam no campo social. Em nome dos imperativos de objetivização crescente que regem o discurso social, o brinquedo oferecido as crianças é automatizado.

A autora nos diz claramente que estes jogos e brinquedos, que são oferecidos às crianças, excluem o imaginário, impedem a simbolização por parte da criança, fragilizando a constituição psíquica. Hoje, as produções do brincar estão

empobrecidas, não há faz de conta, fantasias, invenções, sendo que estes são tecidos que sustentam os vínculos da criança com seus semelhantes.

O brinquedo assume status de apenas mais um na vida das crianças, o que está em questão é o ato de comprar, de consumir, e não a importância daquele objeto em sua vida.

Enfim, é notável o quanto o brincar hoje, está perdendo espaço na vida das crianças, e conseqüentemente a constituição psíquica da criança está moldando-se a partir da fragilização em que se encontra a infância na contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter pesquisado e me dedicado ao estudo do trabalho de conclusão do curso de Psicologia sobre o tema “Infância na Contemporaneidade”, organizado em dois capítulos, considerei inicialmente dois elementos conceituais sobre o tema em questão. Desta forma, analisei a diferença que a Psicanálise considera entre a infância e o infantil, sublinhando o tema da constituição psíquica. Nesta direção, também tentei articular os conceitos citados com os movimentos da sociedade presentes na infância hoje, necessários para a compreensão do tema proposto. No segundo momento, levantei dois apontamentos a respeito do brincar, quais sejam, na articulação com a constituição psíquica e o outro em relação ao brincar da atualidade.

Inicialmente este tema foi me suscitando questões durante a disciplina de Aspectos Sociais do Sintoma, onde escrevi a respeito das questões levantadas neste trabalho de pesquisa, na avaliação final da disciplina. Além claro, das discussões em aulas dedicadas a trabalhar com a idéia de infância. Este tema me fez pensar sobre como a infância está se moldando hoje, pois na clínica percebe-se o quanto o social faz suas marcas na subjetividade das pessoas e principalmente das crianças. Esta idéia surgiu a partir de questões trazidas em atendimentos clínicos pelos pacientes e suas famílias, realizados durante o Estágio de Ênfase em Processos Clínicos e também a partir de observações do dia-a-dia.

No primeiro capítulo trabalho sobre a concepção de infância articulada com a constituição psíquica. Sabemos que a infância é produzida pela cultura, sendo o momento cronológico dos primeiros anos de vida, anterior a puberdade, mas inicialmente é na infância o momento do complexo processo de constituição psíquica.

Para a teoria psicanalítica, há uma diferenciação entre o infantil e a infância, o infantil não é aquilo que é referente ou próprio à infância. Na criança ainda em constituição, o infantil é o produto conclusivo da infância sobre o qual se construirá a elaboração adolescente, condição para aceder ao outro sexo. A partir disso, surgirá no adulto sob a forma de neurose infantil, presentificada na transferência analítica. Portanto, o infantil é o inconsciente, onde o eu sofre recalçamento. O mundo exterior impõe à criança proibições que provocam recalçamento das pulsões, e transformam estas em uma satisfação substitutiva, provocando desprazer.

A leitura psicanalítica demonstra que a criança é banhada pela linguagem para constituir-se em sujeito de desejo. Porém, é através dela que circulam as proibições, pois o ser humano ao falar instaura o processo de recalque, encobrindo e gerando a proibição do acesso ao desejo. Ressalto que o desejo se distingue de necessidade: para a Psicanálise, desejo é a falta inscrita na palavra e efeito da marca do significante. O desejo do sujeito é o desejo do Outro, se constitui a partir deste, de uma falta instituída via linguagem, do objeto perdido.

Destaco a citação de Volnovich (1991, p. 24), a partir da releitura de Lacan, “a criança lacaniana é essencialmente uma criança inserida na estrutura, efeito da família, “desejo do Outro”. Assim, a constituição psíquica da criança se construirá a partir dos significantes que a família transmitir. Sendo que não há possibilidade de um sujeito poder ser gerado a partir de si mesmo, pois, este é efeito do desejo do Outro, considerado a partir da conotação histórica e social, sendo o inconsciente uma experiência transindividual, social.

É pela via da linguagem que o pequeno infans se constituirá como um sujeito. Seu corpo será marcado através da palavra, pelos significantes familiares. O Outro primordial, a mãe ou quem cumpre esta função, irá supor um sujeito neste pequeno infans, antecipando suas manifestações, e dando sentido a elas.

A função paterna, enquanto representante da lei, tem por função a castração, interditando e introduzindo a lei. O pai impede a relação incestuosa entre mãe e filho, instaurando a falta necessária na constituição psíquica, para que o sujeito se movimente em busca de seu desejo, produzindo a entrada do sujeito na subjetividade. Além de instaurar a falta e o surgimento do desejo na criança, o Complexo de Édipo também garante uma filiação, uma posição sexuada e a formação do supereu, instância reguladora da lei, da moral e dos limites.

Esta etapa da instauração da falta é de extrema importância na subjetividade, pois é a partir dela que o sujeito se movimenta em busca de seu próprio desejo. Hoje os pais não permitem que a criança sinta falta de qualquer coisa, ou então que sofra, que fracasse. Buscam, incessantemente, preencher qualquer “buraco”, o discurso dos pais na contemporaneidade é claro, “não quero que nada lhes falte”, mas seus efeitos no psiquismo estão demonstrados claramente nos sintomas infantis, como a compulsão por consumir.

Penso que hoje as funções parentais estão fragilizadas, e as crianças captam isso através do discurso, pois é pela via da linguagem que a criança humana passa a se constituir enquanto sujeito. São efeitos produzidos pelo funcionamento capitalista da sociedade, que marca valores como o individualismo, narcisismo, competição, o ter para o ser...

A função paterna e a instauração da lei encontram-se em declínio nos dias de hoje, o Nome-do-pai não consegue se colocar na posição de alteridade. Percebe-se o quanto as crianças “testam” seus pais, e na maioria das vezes conseguem o que querem. Hoje os pais têm dificuldade em dizer “não” para seus filhos, propõem trocas, “se você obedecer ganhará o que quer”, então toda vez que a criança quer algo, ela já sabe como fazer, propor trocas com os pais, e a palavra perde o seu valor.

A infância na contemporaneidade está se construindo em cima destes valores impostos pela mídia, pois muitas vezes as crianças convivem mais com a televisão do que com seus próprios pais. No documentário citado nesta pesquisa, “Criança a alma do negócio”, uma mãe fala que trabalha muito para poder dar condições melhores de vida ao filho, carro novo, casa melhor, e ao chegar em casa e não ter que se deparar com o filho, ela acaba cedendo e dando o que ela deseja para poder descansar, ou então deixa o filho com a babá. A modernidade interfere nas relações sociais. Hoje é realmente isso o que acontece na maioria das famílias, os pais trabalham o dia inteiro, e ao chegar em casa querem descansar e não ter que lidar com os filhos, acabam colocando em frente a televisão, jogos etc. Mas as conseqüências são diversas, como a fragilização nos laços parentais.

Então, a criança ainda em constituição, demonstra suas dificuldades através do brincar, pois é a maneira que o inconsciente encontra para falar, pois a criança ainda não entende sobre o que lhe acontece e nem o mundo que a cerca. Entendemos então, que o brincar é uma ferramenta fundamental na constituição

psíquica da criança, pois auxilia na elaboração dos acontecimentos, dá sustentação às amarrações dos significantes para formarem ligações, faz com que a criança passe da posição de alienação, de passividade para a de atividade frente às inscrições simbólicas, a partir da colocação em ato destas inscrições. A criança em seu faz de conta, cria seu mundo, a partir do que vivencia na realidade, é uma maneira de dar conta do Real simbolicamente. O brincar para ser verdadeiro deve ser espontâneo, inventado pela própria criança.

É inquestionável a importância do brincar na vida da criança, porém o que se percebe hoje é que outras coisas tomam esse espaço no lugar do brincar. Crianças com agendas lotadas de atividades, brinquedos que fazem tudo sozinhos, andam, falam, acendem luzes, tocam músicas, fazem barulhos... A televisão, os desenhos animados, filmes, programas infantis e até novelas tomam o lugar do brincar, pois já vem tudo pronto, a criança não precisa fazer o exercício do pensar, do imaginar, fantasiar.

Hoje os jogos eletrônicos ocupam um espaço privilegiado na vida das crianças, elas passam horas frente a computadores ou vídeo-games, e como foi afirmado no segundo capítulo, estes jogos buscam apenas a competição, o lutar, o ganhar, não contém histórias, excluem a subjetividade, a criatividade. Ou seja, estes jogos, brinquedos da modernidade alienam, não permitem pensar, raciocinar, criar, imaginar, a criança na contemporaneidade não sabe fazer de conta, tudo está no real, não finge ter chá na xicrinha, não inventa que faz comidinha para sua filha, aliás “brincar de mamãe” nos dias de hoje quase se extinguiu, pois as meninas querem se parecer com as bonecas. As brincadeiras estão em torno de ir ao shopping, usar maquiagem, por exemplo, como as bonecas barbies, e nas lojas existem inúmeros adereços desta boneca, como carro, namorado, roupas, academia, etc..

As brincadeiras infantis têm sempre o olhar dos adultos, são constantemente vigiadas pelo outro. Hoje, não se permite que a criança se suje, coloque a mão na massa, além do mais, as crianças andam de bicicletas, patins, patinetes, motocas sem precisar sair de casa, e ainda brincam sozinhas, não há socialização com outras crianças, além disso, as crianças preferem ir a shoppings e fazer compras.

A infância na modernidade configura-se pelos ideais parentais, de que seus filhos sejam os mais inteligentes, mais bonitos, que sejam melhores em tudo... Ainda dizem estar preparando os filhos para a vida adulta para serem bem sucedidos,

escolherem uma profissão que seja mais lucrativa financeiramente. Hoje as crianças são constantemente convocadas a pensarem no que querem ser quando crescer, e ao tentarem fantasiar a respeito de ser caminhoneiro, bombeiro, etc. Na maioria das vezes os pais interrompem a imaginação da criança, a partir das marcas causadas pelo social: ganhar dinheiro, ser médico, engenheiro... Esses são moldes produzidos pela cultura capitalista da qual fizemos parte.

Enfim, penso que a infância na contemporaneidade se molda a partir do que a cultura determina, produzindo marcas subjetivas nos sujeitos. Poderemos saber de concreto quais as conseqüências destas marcas provocadas pelo social apenas posteriormente, pois a constituição psíquica é singular e as marcas do social no psiquismo serão diferentes em cada sujeito.

Ao encerrar esta pesquisa, concluo não com o caráter de finalização, de fechamento, mas outros questionamentos abriram-se. Reitero que muitas aprendizagens foram possíveis, tanto em relação ao tema, quanto à conclusão do curso. Mas, é partir do prosseguimento de meus estudos que pretendo encontrar novas respostas e possivelmente novas dúvidas, pois sabemos que em nossa práxis o saber encontra-se na posição de não sabido, na busca constante do saber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACKES, C. A reconstituição do espelho. In: COSTA, A. et al. **Adolescência e experiência de borda**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004. p. 29-41.

CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CORIAT, E. O objeto do especialista. In: **Psicanálise e clínica de bebês**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

DIAS, A. M. S.; FREIRE, K. S. O corpo marcado pela palavra. In: DRÜGG, A. M. S.; FREIRE, K. S.; CAMPOS, I. F. A. (orgs.). **Escritos da clínica**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2010.

DÖR, J. **Introdução à leitura de Lacan**: o inconsciente estruturado como linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FREIRE, K. S. À procura de um sujeito... In: DRÜGG, A. M. S.; FREIRE, K. S.; CAMPOS, I. F. A. (orgs.). **Escritos da clínica**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2010. p. 249-253.

FREUD, S. Além do princípio de prazer [1920-1922]. In: **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909). In: **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. X.

FURASTÉ, P. A. **Normas técnicas para o trabalho científico**: explicitação das normas da ABNT. 15. ed. Porto Alegre: s.n., 2010.

JERUSALINSKY, A. col. A educação é terapêutica?: sobre os três jogos constituintes do sujeito (parte I). In: **Psicanálise e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

JERUSALINSKY, J. **Enquanto o futuro não vem**: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês. Salvador: Ágalma, 2002.

KOSLOWSKI, S. R. **Muito além do jardim da infância, infância, mídia e consumo**. Dissertação de Mestrado em Educação nas Ciências, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, Ijuí, 2009. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/394/Sirlei%20Rigodanzo%20Kosowski.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 17/11/2012.

KRAEMER, G. M.; BETTS, J. A. O brincar e o significante. In: SOUZA, A. M. (org.). **Psicanálise de crianças: interrogações clínico-teóricas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. v. 1.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. (1953). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MEIRA, A. M. (org.). **A cultura do brincar: a infância contemporânea, o brincar e a cultura no espaço da cidade**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5120/000421178.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 11/11/2012.

MEIRA, A. M. (org.). **Olhares das crianças sobre a cidade de Porto Alegre: infância contemporânea, psicanálise, educação e arte**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29782/000778489.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14/11/2012.

MEIRA, A. M. (org.). Pequenos brinquedos, jogos sem fim: os sintomas no brincar da criança contemporânea. In: **Novos sintomas**. Salvador: Ágalma, 2003. (Coleção Psicanálise da Criança).

PINHO, G. S. O brincar na clínica interdisciplinar com crianças. In: **Escritos da criança**. Porto Alegre: Ed. Centro Lygia Coriat, n. 6, 2006.

RAMALHO, R. M. Função materna na constituição do sujeito. In: **Escritos psicanalíticos: colóquios II**. Centro de Trabalho em Psicanálise, 1989.

STEIN, M. L. M. Infantil, eu? In: **O Infantil na Psicanálise**, Rev. Assoc. Psicanal, Porto Alegre, n. 40, p. 09-17, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.apoa.com.br/uploads/arquivos/revistas/revista40-1.pdf>>. Acesso em: 30/11/2012.

VOLNOVICH, J. A psicanálise de crianças hoje. In: **Lições introdutórias à psicanálise de crianças**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.